

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

EZEQUIEL PORFÍRIO

## **A filósofa e escritora Djamila Ribeiro e o seu papel no Instagram**

---

Uma análise das principais temáticas mobilizadas

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

## **A filósofa e escritora Djamila Ribeiro e o seu papel no Instagram**

---

Uma análise das principais temáticas mobilizadas

**EZEQUIEL PORFÍRIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Issaaf Karhawi**

São Paulo

2022

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, a Jesus, ao Espírito Santo e a meu anjo da guarda pelas ajudas essenciais.

À família e à instituição filantrópica LBV – Legião da Boa Vontade – que me ensinaram, desde criança, o primordial Ecumenismo Irrestrito, para a Paz, o Amor e o bem viver universais. Aos amigos e professores do Celacc-ECA-USP.

À professora doutora Issaaf que, sendo uma pessoa de grande luz espiritual ecumênica, é e foi durante as orientações: influenciadora motivacional, psicóloga, paciente, dedicada *ad infinitum*, gentil e, naturalmente, uma super orientadora.

# **A filósofa e escritora Djamila Ribeiro e o seu papel no Instagram – Uma análise das principais temáticas mobilizadas**

**Ezequiel Porfírio<sup>1</sup>**

## **Resumo**

Este artigo tem como objeto de pesquisa o perfil do Instagram da filósofa, escritora, ativista negra e influenciadora digital Djamila Ribeiro. Logo, tem por objetivo investigar o conteúdo de suas publicações nesta rede social, ou seja, como ela coloca as pautas em circulação. Aspirou-se fazer a pesquisa, a partir de recorte amostral, utilizando-se a análise de conteúdo de 95 imagens e fotos – das quais 12 são imagens/vídeos curtos – e de 31 legendas, postadas do dia 1º de novembro de 2021 ao dia 29 de novembro do mesmo ano. Discorre-se sobre a discussão teórica relacionada ao racismo, à diversidade, à representação e aos influenciadores digitais como as principais temáticas mobilizadas.

**PALAVRAS-CHAVE: Djamila Ribeiro; Instagram; Filósofa; Ativismo negro; Influenciadora digital.**

## **Abstract**

This article has as research object Djamila Ribeiro's Instagram profile, a philosopher, writer, Afro-Brazilian activist, and digital influencer. Then, it aims at investigating the content in her publications on that social network, strictly speaking, how she presents the agendas in circulation. It wished to do the research from a sample selection by using the content analysis of 95 images and photos – of which 11 are images/shortvideos – and 31 captions, posted from November 1<sup>st</sup> to 29<sup>th</sup>, 2021. In here, it is presented a theoretical discussion related to racism, diversity, representation, and digital influencers as the main mobilized themes.

**KEYWORDS: Djamila Ribeiro; Instagram; Philosopher; Afro-Brazilian Activism; Digital Influencer.**

## **Resumen**

Este artículo tiene como objeto de investigación el perfil de Instagram de la filósofa, escritora, activista afro-brasileña e influenciadora digital Djamila Ribeiro. Así, este trabajo pretende investigar el contenido de sus publicaciones en esa red social, es decir, cómo ella presenta sus aranceles en circulación. Se quiso hacer una investigación desde un recorte muestral, utilizándose el análisis de contenido de 95 imágenes y fotos – de las cuales 11 son imágenes/videos cortos – y 31 subtítulos, puestas desde día 1º al día 29 de noviembre de 2021. Se trata acá sobre la discusión teórica relacionada al racismo, a diversidad, a representación e a los influenciadores digitales como los principales temas movilizados.

**PALABRAS CLAVE: Djamila Ribeiro; Instagram; Filósofo; Activismo afro-brasileño; Influenciadora digital**

---

<sup>1</sup> Pós-graduado em “Mídia, Informação e Cultura”, pelo Celacc ECA USP.

## INTRODUÇÃO

Este projeto tem por objetivo investigar as estratégias relacionadas ao conteúdo e às narrativas discursivas e dialógicas utilizadas pela filósofa, escritora, ativista negra e influenciadora digital Djamila Ribeiro em seu perfil no Instagram, ou seja, como ela coloca as pautas em circulação em suas publicações. Assim, este trabalho frui este perfil citado como sendo o objeto de pesquisa. Outrossim, pretende-se apreender tais estratégias postadas em sua página e analisar as temáticas utilizadas nesta rede social, que se pressupõe como hipóteses serem os dilemas do racismo, as representações, os estereótipos raciais e a luta pela diversidade, tanto em textos nas legendas quanto em imagens. Assim como entender alguns aspectos das interações com o público e a sua relevância.

Naturalmente, é de se ressaltar que a militância negra está para o antirracismo, para a divulgação da cultura afro e para a valorização do ser humano, assim como as bases e a fundamentação escravistas – na historicidade brasileira – estão para o racismo estrutural.

Oliveira (2021) sustenta que para se falar sobre racismo estrutural é necessário ir diretamente na base do problema, ou seja, na sua radicalidade. Assim, para compreender como vigora o racismo estrutural no Brasil é preciso uma “perspectiva histórico-crítica” (OLIVEIRA, 2021, p. 66). Desse modo, parte-se da ideia de que o racismo como percebemos atualmente é “produto de uma *tipologia de classificação racial* consolidada principalmente no século XVI como instrumento do projeto eurocentrista. Samir Amin fala que o eurocentrismo é uma ideologia” (AMIN, 1989, s/p apud OLIVEIRA, 2021, p. 66). Mais além:

As ideologias expressam projetos políticos concretos e práticas concretas, assim não há como falar da ideologia eurocêntrica sem falar na emergência do capitalismo. Evidente que o racismo não nasceu com o capitalismo, mas o racismo como se expressa hoje, baseado nessa classificação racial, sim. O eurocentrismo é uma narrativa ideológica que simplifica o processo civilizatório das tradições helênicas até o Renascimento e é com base nisso que se estabelece um padrão normativo racional que sustenta a hegemonia da “branquitude”. Esta branquitude normativa que se posiciona como centro hegemônico de uma tipologia de classificação racial (...) (OLIVEIRA, 2021, p. 66).

Esta branquitude, até mesmo nos dias atuais, em pleno século XXI, é “uma guardiã silenciosa de privilégios” (BENTO, 2014, p. 41).

Um outro ponto é o enfoque de que a escritora e formadora de opinião Djamila Ribeiro influencia digitalmente, utilizando as ferramentas da modernidade, no Instagram, em seu ativismo social em causas antirracistas, ficou famosa por seu ativismo na internet “e passou a

ser considerada uma importante referência do movimento negro feminista no Brasil” (OLIVEIRA, 2016, s/p).

É de se observar que a emergência permanente de renovadas e modernas redes sociais digitais aumentou as probabilidades de surgimento dos formadores de opinião. É notório que em 2010, por exemplo, foi propiciado – na rede – o Instagram. Assim, os influenciadores digitais puderam levar os seus projetos para diferentes plataformas, intensificando o seu crédito e o seu valor sociocultural na rede (KARHAWI, 2017).

É de se sobressair que a sociedade atual, para Karhawi (2017), com as suas particularidades sociais, econômicas e tecnológicas fortifica e mantém o surgimento desses novos profissionais, ou seja, dos influenciadores digitais. Desta forma, é de se notar a importância de diversos estudos científicos e comunicacionais a respeito deste tema. E Karhawi (2017, p. 48) afirma, ainda, que os influenciadores são aqueles que têm “(...) poder de colocar discussões em circulação; poder de influenciar em decisões em relação ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em sua rede”.

Portanto, são considerados formadores de opinião. Destrinchando um pouco sobre isto, pode-se afirmar que “O termo ‘formador de opinião’ faz parte dos principais paradigmas dos efeitos da comunicação nos públicos. Inicialmente, ‘(...) a comunicação era vista como uma ferramenta de circulação eficaz dos símbolos’” (AZEVEDO, 2004, p. 49 apud KARHAWI, 2017, p.51).

Para se analisar a estrutura do perfil de Djamila Ribeiro nesta pesquisa, pretende-se utilizar a análise de conteúdo de 95 imagens e fotos – das quais 12 são imagens/vídeos curtos que estavam inseridos no carrossel<sup>2</sup> do Instagram, juntamente com as fotos/imagens, ou que estavam postados em formato único – e de 31 legendas, postadas do dia 1º de novembro de 2021 ao dia 29 de novembro do mesmo ano.

O total de posts da coleta de dados se refere a menos de trinta dias, contudo há 95 imagens. Isto se dá devido aos carrosséis do Instagram, que são 17 neste período.

Iniciou-se em novembro, pois é o mês em que se homenageia e se reafirma a Consciência Negra. As legendas têm um número inferior ao número de imagens/fotos e vídeos devido ao próprio formato do carrossel. O método escolhido, como se fez alusão, foi a análise de conteúdo.

Ressaltando-se que Bardin (2011) afirma que a conceituação de análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedi-

---

<sup>2</sup> Posts com inclusão de mais de uma foto/imagem, podendo-se incluir vídeos.

mentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que, embora parciais, são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens) (BARDIN, 2011, p. 48).

Este trabalho explana logo no capítulo 1 sobre a fundamentação teórica, cujo título é: “RACISMO, DIVERSIDADE, REPRESENTAÇÕES E ESTEREÓTIPOS”, com os diversos autores e estudiosos das áreas social, digital, ativismo negro e diversidade. No capítulo 2 fala-se, ainda, sobre “INFLUENCIADORES DIGITAIS E NOÇÕES DE CAPITAL”. O capítulo 3 é a respeito da vida e da trajetória da personagem citada: “DJAMILA RIBEIRO: FILÓSOFA, ESCRITORA, ATIVISTA NEGRA E INFLUENCIADORA DIGITAL”. O capítulo 4 é “PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS”. Já o 5 é: “DJAMILA RIBEIRO E O SEU PERFIL NO INSTAGRAM”. O intertítulo seguinte, o 5.1, é: “ASPECTOS DO CONTEÚDO E DAS NARRATIVAS DO PERFIL DE DJAMILA RIBEIRO”. Os últimos intertítulos são, respectivamente, do 5.1.1 ao 5.1.7: “DJAMILA E A PAUTA DA REPRESENTATIVIDADE”, “DJAMILA E OS TEMAS RELACIONADOS AO RACISMO”, “DJAMILA E OS ESTEREÓTIPOS RACIAIS E A LUTA PELA DIVERSIDADE”, “DJAMILA E AS PAUTAS DO FEMINISMO E/OU A VALORIZAÇÃO DAS MULHERES”, “DJAMILA E DIVULGAÇÃO DE LIVROS E ARTIGOS DELA E DE OUTRAS (OS) ESCRITORAS (ES)”, “DJAMILA E ASSUNTOS POLÍTICOS” e “MARCOS PESSOAIS DE DJAMILA”. E, enfim, as “CONSIDERAÇÕES FINAIS”.

## **1. RACISMO, DIVERSIDADE, REPRESENTAÇÕES E ESTEREÓTIPOS**

Enfaticamente é de se destacar que a primeira questão para se compreender, quando se fala de racismo no Brasil é, principalmente, fazer um debate estrutural. É primordial trazer o panorama histórico e se iniciar pela relação entre escravidão e racismo, expondo suas conseqüências (RIBEIRO, 2019b). É necessário se refletir “como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas” (RIBEIRO, 2019b, p. 9).

É relevante recordar-se que mesmo que a Constituição do Império de 1824 tenha estabelecido que a educação era – para todos os cidadãos – um direito, a escola e o ensino estavam proibidos para pessoas escravizadas negras. A cidadania era para os portugueses, para aqueles que tinham nascido no Brasil e para negros que tivessem alforria. Porém, esses direitos estavam submetidos às condições de se ter posses, propriedades e rendimentos, exatamente para se pôr impedimentos de ingresso na educação aos libertos.

Existia também a Lei de Terras de 1850 – ano em que o tráfico negreiro teve, no Brasil, a proibição estabelecida. Mas a escravidão durou até 1888. Essa lei aniquilava a possibilidade de apropriação de terras baseada na ocupação e concedia ao Estado o direito de dispô-las apenas em razão da compra da terra. Assim sendo, ex-escravizados tinham grandes limitações, pois somente quem possuía riquezas e bens poderia se tornar proprietário (RIBEIRO, 2019b). Estes são apenas alguns exemplos do que ocorreu em terras brasileiras – e em sua história – e que estão relacionados ao debate estrutural do racismo e à desigualdade social que ainda imperam até os nossos dias.

A psicanalista Neuza Santos, autora de “Tornar-se negro”, de 1983, um dos primeiros trabalhos sobre a questão racial na psicologia, afirma que: “a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (SANTOS, 1983, p. 19 apud RIBEIRO, 2019b, p. 11).

A partir destes fatos, entende-se que a sociedade escravista instituiu o negro de forma negativa e inferior. Assim, é imprescindível lutar-se contra o racismo e não se silenciar diante das situações racistas. Almeida (2020) diz que o racismo é intrínseco à estrutura social e, desta forma, não precisa de propósito para se “manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo” (ALMEIDA, 2020, p. 52). E ele afirma, ainda, que a modificação da sociedade não acontece somente com denúncias e com delações “ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas” (ALMEIDA, 2020, p. 52). E Ribeiro (2019b, p. 15) lembra que: “o antirracismo é uma luta de todas e todos”. Então, é importante ter-se atitudes e não se silenciar diante de tais ocorrências.

Segundo Kabengele Munanga, importante pensador negro e professor na Universidade de São Paulo, “sem dúvida, todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo. O brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras, vítimas e não vítimas (do racismo)” (MILENA, 2019, s/p apud RIBEIRO, 2019b, p. 17 e 18).



Percebe-se, então, que segundo o antropólogo e professor Munanga o silêncio racista faz parte, muitas vezes, das particularidades do brasileiro.

Dando-se prosseguimento ao conceito: racismo é uma consequência da própria estrutura social, isto é, relaciona-se à normalização com que se formam “as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural” (BONILLA-SILVA, 2006, p. 465-480 apud ALMEIDA, 2020, p. 50). Assim sendo, entende-se que existe uma normalização na sociedade em relação ao racismo, ao passo que ele deveria ser considerado, realmente, como anormal e estrutural socialmente. Logo, o conjunto de atitudes individuais e de processos institucionais são oriundos de uma sociedade cujo racismo é a norma, o preceito e não a exceção.

Além de providências que cessem e intimidem o racismo individual e institucional, é importante refletir sobre grandes e precisas modificações nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2020). Isto porque:

a viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis; ou, ainda, que indivíduos que cometam atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados. Dizer isso seria negar os aspectos social, histórico e político do racismo. O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática (ALMEIDA, 2020, p. 50-51).

Portanto, as aplicações racistas se manifestam com a falta de equidade e as desigualdades políticas, econômicas e jurídicas.

Precisamente sobre o racismo, o jornalista e Diretor-Presidente da instituição filantrópica LBV, Legião da Boa Vontade, José de Paiva Netto lembra que

A ausência do espírito solidário está minando a humanidade. É forçoso erradicar, de vez, o racismo, pois, em seu bojo, surgem os mais tenebrosos tipos de perseguição, que vêm dificultando o estabelecimento da Paz no planeta. Todos juntos, sem desânimo, temos de mudar esse vergonhoso quadro. Somos contra o racismo, porque lutamos, sobretudo, pela dignidade do ser humano (NETTO, 2019, p. 317).

Uma outra coisa, em prosseguimento à contextualização, notam-se fortes enganos relacionados às ideologias do sistema de opressão, quando autores como Gilberto Freyre – em sua obra “Casa grande e senzala” – pretendem consolidar a ideia de que existe uma democracia racial brasileira. Isto porque, para ele, a partir da união carnal inter-racial dos

dominantes para com os dominados – ou seja, entre pessoas brancas escravocratas e pessoas negras escravizadas – ocorre um apagamento gradual dos conflitos. Sem contar que o que ocorriam eram o abuso. Logo, “ele nega o preconceito e a discriminação, possibilitando a compreensão de que o ‘insucesso dos mestiços e negros’ deve-se a eles próprios. (...) Ele fornece à elite branca os argumentos (...) para continuar a usufruir dos seus privilégios raciais (BENTO, 2014, p. 48).

A doutora em sociologia Fleury (2000) lembra que no decorrer dos tempos, estabelecidos modelos culturais foram ocorrendo no Brasil, como resultado da criação de uma população culturalmente diversificada e miscigenada, em que aconteceram variados casamentos inter-raciais.

Assim sendo, Fleury (2000) destaca, sobretudo, que uma sociedade que se contradiz surge, isto é, uma sociedade que valoriza sua origem diversificada, com seus vínculos raciais e africanos existentes na música, na alimentação, na religião percebendo-se como uma sociedade sem preconceitos de raça, contudo, é uma sociedade estratificada, estagnada, em que a entrada e o sobressair-se profissional no mercado de trabalho e a admissão no mundo educacional são marcados pelo fato de a pessoa ter “essa” ou “aquela” etnia ou pelo fato de a pessoa ser “desta” ou “daquela” condição econômica. Deste modo, quando se pensa em diversidade tem que se pensar em: sexo, idade, grau de instrução, grupo étnico, religião, origem, raça e língua.

A diversidade sobrevém e é constituída por uma real mistura de pessoas com identidades diferentes interagindo e estando em exercícios mútuos umas com as outras no mesmo sistema social. Logo, nesses sistemas convivem, coabitam grupos de maioria e de minoria, diz Fleury (2000). Portanto,

o tema diversidade cultural pode ser estudado sob diferentes perspectivas: no nível da sociedade, no nível organizacional e no nível do grupo ou indivíduo. Os padrões culturais, expressando valores e relações de poder, precisam ser referenciados e analisados em todos os níveis. (FLEURY, 2000, p.20.)

Sobressaindo-se agora sobre os pensamentos de Ortiz (2015), afirma ele que a globalização tornaria mais evidente a emergência das diferenças étnicas. “Ela deixa de ser compreendida em sua homogeneidade, em sua espacialidade plana, para ser apreendida em sua comunalidade, um comum permeado por elementos idiossincráticos, particulares” (ORTIZ, 2015, p. 120).

Ressalta Ortiz (2015) que “o contraste entre tradições diferentes, a corporação e seus membros (homens, mulheres, negros, pessoas de nacionalidades distintas), somente poderia ser resolvido através da construção de uma identidade comum” (ORTIZ, 2015, p. 121).

Já a respeito de representações, Ferreira (2020) destaca que a partir de 1990 estreavam as pesquisas na ECA/USP. Assim, é incorporado o procedimento de pesquisa “Representações e Ideologia”. Logo,

as fases de estudos das representações de negros e demais grupos das diversidades na mídia podem ser entendidas em três grandes fases: a primeira fase, verificando a quantidade de negros e demais segmentos das diversidades em produções midiáticas; a segunda fase, a análise de conteúdo e análise de discurso dessas produções; a terceira fase a revisão das duas fases anteriores. Assim, começa um movimento interessante em que os grupos sociais evocam a representatividade imagética como elemento político necessário para o antirracismo. Essa representatividade deveria também se apropriar do lugar de privilégio do branco (FERREIRA, 2020, p. 345).

Para Hall (2016), que estudou e analisou de forma crítica a representação do negro nas imagens do capitalismo e do imperialismo britânico (ITUASSU, 2016), as imagens que todos veem repetidamente ajudam a se perceber como funciona o mundo em que vivemos, isto é, como essas imagens expõem realidades, preceitos morais e/ou regras sociais, “identidades, e o que podem acarretar, isto é, quem ganha e quem perde com elas, quem ascende, quem descende, quem é incluído e quem é excluído, como fica a situação particular dos negros nesse processo” (ITUASSU, 2016, p.10).

Representação é a produção do sentido pela linguagem. Na representação, argumentam os construtivistas, nós usamos signos, organizados em linguagens de diferentes tipos, para nos comunicar inteligivelmente com os outros. Linguagens podem usar signos para simbolizar, indicar ou referenciar objetos, pessoas e eventos no chamado mundo “real”. (...) (HALL, 2016, p. 53).

Hall (2016) observa a respeito da utilização exagerada de estereótipos raciais em imagens da publicidade comercial, na cultura popular, na mídia de massa e em ilustrações – do período da escravidão ou do imperialismo popular do final do século XIX.

Também é falado por Hall (2016) sobre a estratégia integracionista do cinema estadunidense da década de 1950. Estratégia esta que teve penosos custos. Assim, os negros poderiam participar no *mainstream*, “mas só à custa de se adaptarem à imagem que os brancos tinham deles e de assimilarem as normas de estilo, aparência e comportamento dos brancos”, destaca Hall (2016, p. 212).

Por conseguinte, esta estereotipagem, sendo uma prática representacional, demonstra o reducionismo da imagem do negro, à naturalização aos estereótipos, à essencialização de se

utilizá-la e às oposições binárias (branco/preto, bonito/feio etc.). Portanto, a estereotipagem está ligada ao jogo do poder da hegemonia e do poder/conhecimento estabelecidos.

A filósofa, escritora e professora Ribeiro (2019b) conta que ela, assim como diversas pessoas negras que continuamente frequentam espaços de poder, já foi estereotipada como copeira, faxineira, ou como meretriz – em ocasiões relacionadas a hotéis de luxo. Ela não contesta sobre os atributos morais dessas profissões, mas contende sobre o porquê de pessoas negras terem tais estereótipos, “em vez de serem reconhecidas como seres humanos em toda a sua complexidade e com suas contradições” (RIBEIRO, 2019b, p. 25 e 26).

É de se observar que logo após o movimento dos Direitos Civis – nas décadas de 1960 e 1970 –, “houve uma afirmação muito mais agressiva da identidade cultural negra, uma atitude positiva em relação à diferença e luta sobre a representação” (Hall, 2016, p. 212).

Assim sendo, a cultura depende do significado que se dá às coisas, ou seja, à função de diferentes colocações dentro de um sistema classificatório (HALL, 2016).

## 2. INFLUENCIADORES DIGITAIS E NOÇÕES DE CAPITAL

Acerca dos influenciadores digitais, Karhawi (2017, p. 48) lembra que estes são pessoas que têm a capacidade aguçada e carismática de pôr opiniões e falas em fluxo de comunicação; poder de influenciar em deliberações “em relação ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em sua rede”.

É de se notar que este trabalho está “lendo” Djamila Ribeiro sob o aspecto de influenciadora pelo fato de que a sua forma de se estar nas redes já pode caracterizá-la como tal, sendo isto consensual e notório. Ainda que ela não se declare como uma influenciadora, nos moldes de influenciadora, ela faz tal papel.

Em uma breve recordação de ocasiões do passado, sobre o mundo digital, em que se discorria e se discursava sobre a Revolução Digital – nos anos 1990 –,

discussões sobre as comunidades virtuais colocaram em circulação "afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social" (Castells, 2003, p. 98). As previsões mais pessimistas acreditavam que a internet induziria a um colapso da vida familiar e da comunicação. Um dos motivadores desse debate, considerado estéril por Castells, era o uso do termo "comunidade" que estimulou uma idealização da comunidade local harmoniosa do passado que seria corrompida pela realidade virtual (CASTELLS, 2003, p. 98 apud KARHAWI, 2020, p. 109).

Logo, percebe-se a respeito das expectativas e dos termos relacionados à realidade virtual que ocorreram no início da década de 90. Outros pesquisadores entraram, também em

outras épocas, nesta discussão. A referência seguinte fala dos blogs, mas pode ser transposta em analogia, às páginas do Instagram:

a interação – chave para a construção de comunidades – é possível nos blogs por conta do espaço para comentários e do relacionamento entre os blogueiros (Recuero, 2003). Há outro fator primordial: o caráter extremamente pessoal. As perguntas nos posts, a troca de experiências, o convite para se ouvir a opinião da leitora, as expressões de afeto. (...) E a personalidade se vê refletida não apenas nas publicações assinadas pelas blogueiras, mas nas respostas a elas (KARHAWI, 2020, p. 110).

Lembrando que foi em 2010 que o Instagram foi concebido na rede virtual, antes disso o que estavam em voga e o que perpetuavam eram os blogs.

Karhawi (2020) fala também sobre a legitimação dos públicos na página. Legitimação dos públicos esta que é outra categoria importante para se entender esta questão que, aliás, está vinculada aos comentários de agradecimento. E, inclusive, tais comentários mostram a importância que a blogueira – mas, no nosso caso o Instagrammer – teve ao influenciar a vida da leitora ou do leitor, mostrando as próprias discussões e os próprios aprendizados conquistados por meio do blog – ou do Instagram (KARHAWI, 2020).

Construir reputação na rede – independente da escolha discursiva, pelo viés da personalidade ou da expertise, por exemplo – é resultado de um trabalho diário, da legitimação não apenas da prática, mas de um gênero discursivo, uma condição de produção de um discurso, uma formação discursiva que define quais serão as regras norteadoras daquele espaço (KARHAWI, 2020, p. 114).

É irrefutável que para se passar a ser um influenciador digital é preciso atravessar e passar por uma “jornada de influência” (KARHAWI, 2020) que preconiza e que pode ser sistematizado em:

- 1) produção de conteúdo;
- 2) consistência temática e temporal dessa produção;
- 3) manutenção de relacionamentos por meio de trocas na rede;
- 4) destaque e/ou autoridade em uma comunidade (KARHAWI, 2017, s/p apud KARHAWI, 2020, p. 210).

Por conseguinte, a influência é o resultado de um procedimento e de uma ação contínua do influenciador ou da influenciadora digital. Assim, um influenciador pode ser aquele que incentiva e potencializa as formas de pensar de variadas questões e discussões e agenda pautas, quanto aquele que inspira, persuade e instiga a compra de uma mercadoria (KARHAWI, 2020). “Mas, em todos os casos, o processo de consolidação em termos de crédito, capital e reputação é o mesmo. E é ele o responsável por levar o influenciador digital ao patamar de profissional” (KARHAWI, 2020, p. 210). Isto porque somente ao alcançar um certo espaço de evidência, de credibilidade e de influência na rede é que as marcas

procedem em chamá-los para parcerias comerciais, devido aos seus apreços, estimas e influências.

Uma outra questão: quando se fala em influenciadores digitais é necessário se sobressair sobre Capital, por exemplo, segundo as teorias do filósofo francês Pierre Bourdieu. Os conceitos de Capital podem ser resgatados para o estudo em questão, que fala sobre os influenciadores digitais. Desta forma, um campo conceitual pode ser aplicado num campo/estudo empírico.

Uma outra observação, Karhawi (2020) diz que, atualmente, “com a entrada da noção de influenciador digital nas dinâmicas e negociações do mercado da Comunicação, as características necessárias para se tornar (...) um influenciador digital passam a ser mais nítidas e conhecidas” (KARHAWI, 2020, p. 99). Assim, as atuações e atividades daqueles que obtiveram sucesso e que estão no mercado há bastante tempo servem de inspiração e princípio para os recém-chegados. Karhawi (2020) sinaliza que o que se aponta como destrezas, conhecimentos ou motivações para se iniciar um blog – no caso deste artigo, em analogia, um perfil no Instagram –, também pode ser compreendido

como detenção de algum tipo específico de capital. Essa compreensão nos é dada com base nas noções de capital de Bourdieu (e suas discussões mais amplas sobre *campo*). Para o autor, a depender do campo colocado em análise, “capital pode se apresentar em três formas fundamentais: como *capital econômico*, que pode ser convertido, direta e imediatamente, em dinheiro e pode ser institucionalizado sob a forma de direitos de propriedade; como *capital cultural*, que é convertível, sob certas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado sob a forma de qualificações educacionais; e como *capital social*, constituído por obrigações sociais (‘conexões’), que é convertível, em determinadas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado sob a forma de um título de nobreza” (BOURDIEU, 1997, p. 47 apud KARHAWI, 2020, p. 99).

Observa-se, então, a leitura da teoria de Bourdieu (1997) feita a partir de Karhawi (2020):

Capital econômico: corresponde à riqueza material: aos bens e ao valor econômico.

Capital cultural: se relaciona às habilidades, aos conhecimentos que a pessoa tem, às qualificações intelectuais adquiridas, à transmissão familiar, onde ela (a pessoa) viveu. Também: as instituições de formação, o capital de estudo que a pessoa acumulou, vindas da escola, cursos. Bourdieu leva em consideração, inclusive, a questão familiar: o quanto a família pôde contribuir para essa formação.

O Capital cultural está expresso de três maneiras: estado incorporado, que é no corpo: a maneira como a gente se apresenta em público. Há o estado objetivo: que seria questão de posses de bens culturais. São todos os bens acumulados na vida relacionados à cultura: como

as obras de arte: os objetos acumulados. E o estado institucionalizado, que viria com as questões dos títulos, que vai acumulando com a escolarização. (Relacionando esta teoria aos influenciadores digitais, no caso deste artigo, é mostrado como a filósofa Djamila Ribeiro se apresenta para o público/seguidores do Instagram, quais são as obras de arte que ela adquiriu/ganhou, por exemplo, os seus títulos de formação e as palestras que ela realiza.)

Capital social: que diz respeito aos nossos relacionamentos sociais, como eles se estruturam, com quem, de que maneira, como isso vai reverberar no estudo das mídias sociais. Como o capital econômico reflete, além do social, do cultural na constituição dos influenciadores. (Assim, relacionando à teoria deste capital de Bourdieu, são mostradas as visitas de Djamila, em seus relacionamentos sociais, com o cantor Milton Nascimento, com escritores e escritoras, com musicistas, estudiosos e outras celebridades, por exemplo. Sendo que a estrutura desta vivência social se reverbera no próprio fazer das mídias sociais.)

Capital simbólico: trata dos rituais, que permitem que a gente reconheça qual é o campo que os indivíduos se inserem. Ou seja, que a gente identifica que uma pessoa faz parte de um campo e não de outro. E quem faz parte do nosso campo e quem não faz. (No caso de Djamila Ribeiro, em um paralelo à teoria do filósofo francês, poderia-se dizer que o capital simbólico poderia estar correlacionado aos rituais de um influenciador digital, que mostram o seu dia a dia pessoal e profissional. E, neste caso, Djamila mostra-se como uma pessoa que batalha contra as desigualdades de raça, de gênero e social, no Instagram. Logo, ela se insere neste campo.) O capital simbólico é uma síntese dos outros demais, ele os reúne.

Recuero (2017) afirma que o influenciador é aquele (a) que tem uma certa prerrogativa na rede. Ele (a) pode ter uma posição que está conectando diversos conjuntos de pessoas, “onde ele é muito importante para um grupo. Existem tipos bastante diferentes de influenciadores digitais, de acordo com a posição que eles têm. E essas posições estão diretamente relacionadas ao conceito de capital social” (RECUERO, 2017, p. 39).

### **3. DJAMILA RIBEIRO: FILÓSOFA, ESCRITORA, ATIVISTA NEGRA E INFLUENCIADORA DIGITAL**

Djamila Taís Ribeiro dos Santos, mais conhecida como Djamila Ribeiro, é uma das porta-vozes em favor daqueles que nem sempre têm espaço significativo, suficiente e eficiente nos meios de comunicação hegemônicos, ou seja, ela é uma das porta-vozes em favor dos negros e das mulheres. Portanto, ela denuncia a violência e a desigualdade social.

Djamila Ribeiro é filósofa, escritora, acadêmica, ativista social, feminista negra e influenciadora digital (FUKS, 2021). Falando-se de sua cidade natal, ela nasceu em Santos, em São Paulo, Brasil, no dia 1º de agosto de 1980.

Djamila graduou-se em Filosofia, em 2012, e conquistou o título de mestre em Filosofia Política, em 2015, pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ela estudou também Jornalismo, em 2005, mas não prosseguiu nesta graduação. No momento ela exerce o papel de professora convidada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Djamila foi, em 2016, secretária-adjunta da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (na gestão do prefeito Fernando Haddad) (ODARA, 2016).

Em relação aos prêmios: ela foi premiada com o brasileiro prêmio literário Jabuti, em 2020, na categoria Ciências Humanas, com o seu livro “Pequeno manual antirracista”, que aborda o racismo estrutural no Brasil (FUKS, 2021). Em 2019, Djamila Ribeiro foi agraciada com o Prêmio *Prince Claus Laureate* na categoria Filosofia, dado pelo Ministério das Relações Exteriores da Holanda, que confirma a sua luta e militância. É de se lembrar que a primeira indicação a um prêmio se deu com a edição do livro “O que é lugar de fala?”, publicado em 2016, com o qual ela foi finalista do Prêmio Jabuti (na categoria Humanidades). Em 2019, foi eleita uma das mulheres mais inspiradoras e influentes do mundo pela BBC 100 *Women*.

Sobre os seus livros, eles foram traduzidos e divulgados no exterior. Além disso, Djamila criou o “Selo Sueli Carneiro”, com o qual publicou livros de autores negros, com preços acessíveis. Ela coordena, ainda, a coleção “Feminismos Plurais”, da editora Pólen (BORGES, 2018).

No presente, a militante é também colunista da Folha de São Paulo, da Elle Brasil, da Carta Capital *online*, Blogueiras Negras e Revista AzMina.

Com todo o rol, do histórico de vida de Djamila Ribeiro, visualiza-se a importância de seu papel e a sua preparação para o ativismo como escritora, filósofa, influenciadora digital e intelectual dos direitos humanos e sociais.

Djamila tem notória influência no ambiente digital, pois acredita que é fundamental apropriar a internet como uma ferramenta na militância das mulheres negras, pois, segundo ela, a mídia hegemônica costuma invisibilizá-las (CAZARRÉ, 2016).

#### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**



Este trabalho é de caráter relacionado à uma pesquisa qualitativa e, de acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011), “a pesquisa qualitativa busca uma compreensão mais aprofundada do objeto em estudo, contextualizando-o e reconhecendo seu caráter dinâmico” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 239). E, ainda, para se realizá-lo foi feita uma coleta de dados das publicações do perfil da filósofa Djamila Ribeiro no Instagram, cujos temas são: racismo, representatividade, diversidade, feminismo, literatura e outros que serão vistos e retomados nos próximos capítulos e intertítulos, da análise empírica.

Analisou-se pois as narrativas discursivas e dialógicas e o conteúdo do perfil, porquanto este era o objetivo. Por conseguinte, a partir de um recorte amostral, utilizou-se como método a análise de conteúdo de 95 imagens e fotos – das quais 12 são imagens/vídeos curtos que estavam inseridos no carrossel do Instagram, ou que estavam postados de forma única – e de 31 legendas (de um total de 3.070 publicações), postadas do dia 1º/nov/2021 ao dia 29/nov./2021.

A coleta de dados foi feita manualmente. Os números apresentados são somente uma referência para organizar as questões e exemplificar sobre as situações citadas, não sendo uma abordagem quantitativa e, reafirmando assim, o aspecto qualitativo.

Estudos qualitativos, geralmente trazem um conjunto pequeno de dados, que podem ser coletados de forma mais simples, até mesmo de forma manual pelo pesquisador. (...) O último desafio da coleta de dados refere-se a sua “fazibilidade”. Justamente por conta dos rastros deixados online, constitui-se uma significativa quantidade de dados, não sendo uma tarefa simples coletá-los (RECUERO; BASTOS; e ZAGO, 2018, p. 92-93).

Logo, dia após dia, durante quase um mês, foi feita de forma manual a coleta de dados. Durante as observações da coleta de dados, pode-se afirmar que foram utilizadas as observações sistemática e participativa. Na sistemática foi feita um estudo de caso descritivo (GIL, 2017), pois se tinha a noção sobre os aspectos da comunidade – no caso, o ativismo negro e Djamila Ribeiro – que eram importantes para se conseguir os objetivos pretendidos, relacionados ao antirracismo, aos termos da influência digital e aos aspectos do perfil no Instagram de Djamila. Sobre a observação participativa, é habitual afirmar-se que “consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade (...) em que é realizada a pesquisa. O observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de membro do grupo” (GIL, 2017, p. 109-110). Este artigo tem a pretensão de dizer que também fez uma observação participativa, pois em tempos em que se há isolamento social, devido à pandemia de Covid-19 e, em que existem as modernidades da internet, como as redes sociais, acredita-se que toda a participação do pesquisador, por meio das interações e conversas com a própria Djamila e

com outras pessoas da comunidade, que ocorreram digitalmente e online na parte de comentários do Instagram, poderiam ser interpretadas como sendo uma observação participativa. Inclusive, empregou-se, neste processo, o “diário de campo” – apesar de que tal diário e o próprio relatório, em muitos momentos nasceram juntos, ou seja, o texto do relatório já foi redigido como um esboço mais bem elaborado:

O instrumento importante para a realização da observação participante é o “diário de campo”. O modelo que recomendamos para a montagem do diário de campo é dividir a folha do caderno em três colunas verticais. Na primeira, coloca-se a data, na segunda, descreve-se as percepções do pesquisador na atividade de campo em questão e, a terceira é reservada para fazer destaques e comentários que podem ser utilizados na análise. Assim, enquanto na segunda coluna o texto tende a ser mais descritivo, na terceira coluna, ele será mais narrativo e dissertativo (OLIVEIRA, 2016, p. 9).

A consulta a fontes documentais foram a partir de material publicado online em jornais e revistas, em livros físicos e impressos – da referência bibliográfica –, documentos colocados na net e no Instagram, como por exemplo, a foto de um cartão de visitas, fotos/imagens/textos online, anúncios e *frames*/cartazes online. Gil (2017, p. 108) afirma sobre os documentos: “Poderiam ser analisados documentos (...) como *folders*, jornais e cartilhas (...). Como documentos poderiam ser considerados também outros artefatos físicos, como faixas, distintivos e camisetas”. No caso deste artigo, fez-se o uso mormente do citado material online.

Expôs-se, ainda, nesta pesquisa sobre os conceitos teóricos relacionados ao racismo, à diversidade, à representação e aos influenciadores digitais, cujos autores e autoras são: Almeida, Hall, Karhawi, Oliveira, Ribeiro, Recuero, dentre outros.

## 5. DJAMILA RIBEIRO E O SEU PERFIL NO INSTAGRAM

A relevância do perfil de Djamila Ribeiro<sup>3</sup> no Instagram relaciona-se ao fato de ela denunciar uma realidade brasileira que não condiz com os direitos humanos e com os direitos de cidadão que, por diversificadas vezes, passa despercebida e é vista como algo natural. Exemplificando: no Brasil, a cada vinte e três minutos, um jovem negro é assassinado. Esse número chama a atenção devido ao fato, mormente, de que o país abrange a maior população negra fora da África. Ou seja, por volta de 54% da população brasileira é negra (FUKS, 2021).

---

<sup>3</sup> @djamilaribeiro1

Assim sendo, o seu perfil se conecta com a luta contra o racismo estrutural, que submete até aos nossos dias a população negra a um determinado lugar social. Ou seja, com índices abaixo do desenvolvimento humano e fora dos espaços de poder (FUKS, 2021).

Fuks (2021) diz, ainda, perpassando sobre o assunto que:

Em 1888 foi assinada a lei Áurea libertando homens e mulheres da escravatura depois de praticamente quatro séculos de escravidão, mas sem nenhum tipo de preocupação de como seria a inclusão dos negros na sociedade. Os antigos escravos foram marginalizados socialmente e, até hoje, colhemos os frutos desse tempo. As mulheres negras, por exemplo, após a abolição, foram destinadas ao trabalho doméstico (e hoje observamos o impressionante número de 6 milhões de mulheres empregadas domésticas negras no país, tendo a profissão só sido regulamentada em 2013) (FUKS, 2021, s/p).

O desafio de Djamila é expor o preconceito racial arraigado no Brasil e contestá-lo, oferecendo meios na net para as pessoas (re) pensarem sobre esta questão e motivá-las nas práticas antirracistas (FUKS, 2021).

É também notoriedade de seu perfil a essencialidade de se dar visibilidade a conteúdos contra-hegemônicos.

Logo, “(...) o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas; pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir, seja na criação de páginas, sites, seja em canais de vídeos, blogs” (RIBEIRO, 2019a, p. 85-86).

Carneiro e Pinheiro (2021) ressaltam a respeito de que se deve destacar sobre

o evidente crescimento participativo das mulheres negras no Instagram. Elas marcam presença em todos os assuntos que permeiam o aplicativo de celular e web, falam de moda, arte, tecnologia, literatura, política, cultura, humor, entre outros temas. Além disso, muitas aproveitam o espaço livre de silenciamento para expor a defesa de suas causas, como ressignificação e empoderamento do corpo feminino negro, lugar de fala da mulher negra, literatura de autoria negra feminina, racismo estrutural e antirracismo. Elas trazem a representatividade para muitas outras mulheres, que não conseguiam se enxergar nos modelos impostos pelas mídias tradicionais (CARNEIRO; PINHEIRO, 2021, p. 328).

Assim, Djamila Ribeiro, por meio de seus posts no Instagram, afirma o seu papel de pensadora e ativista. Carneiro e Pinheiro (2021) destacam, ainda, sobre as atuações das ativistas Djamila Ribeiro, Luana Génot e Lívia Natália, dizendo que

Essas ativistas viram nas redes sociais (principalmente no Instagram) a ferramenta capaz de subsidiar as manifestações que buscavam para protestar sobre a violência sofrida pelas vidas negras e ensinar sobre o antirracismo, bem como falar da importância de as pessoas agirem e se posicionarem como antirracistas (CARNEIRO; PINHEIRO, 2021, p. 331).

É de se lembrar que no momento a personagem principal do objeto de pesquisa, ou seja, do perfil do Instagram, Djamila, tem 1.200.000 seguidores<sup>4</sup>, tendo sido postadas, por ela, 3.070 publicações – divididas em publicações, *reels*<sup>5</sup>, vídeos e marcados<sup>6</sup> – e, está ela, sendo seguida por 2.575<sup>7</sup> perfis – ou contas.

Há, então, 34 *reels* e 299<sup>8</sup> vídeos do IGTV, que é a TV do Instagram, com vídeos gravados e prontos para serem vistos quando se desejar. Estes vídeos podem ser gravações de *Lives*<sup>9</sup>, de entrevistas, depoimentos, trechos da TV aberta e fechada e outros, feitos por Djamila e outras pessoas. No IGTV os vídeos podem ser longos ou não. Existem dez destaques<sup>10</sup> de Djamila. São eles: palestras, artigos, plataforma, férias, turnê, prêmios, momentos, África do Sul, Germany e United States: com fotos ou vídeos curtos. A quantidade de posts dos marcados e das publicações está embutida no número restante e total relacionado ao número de publicações, pois no aspecto de contagem específica são eles incontáveis – quando os posts são milhares, como o de Djamila.

Em todas as partes do Instagram de Djamila se discute e se visualiza de tudo: desde uma cena dela cultivando uma planta, ou mostrando uma cena familiar, ou tratando questões sociais, raciais, políticas, econômicas, enfim. Logo em seu *feed*<sup>11</sup> já se visualizam todas estas variedades de temas.

Djamila posta na rede social com frequência, interage com seus seguidores – respondendo aos Instagrammers – e publica temas que serão melhor vistos nos próximos sub-ítemos.

Ela tem uma conta no Instagram desde 8 de junho de 2014. Lembrando: o Instagram foi viabilizado na rede em 2010.

## 5.1. ASPECTOS DO CONTEÚDO E DAS NARRATIVAS DO PERFIL DE DJAMILA RIBEIRO

<sup>4</sup> Palavra que designa aqueles (as) que acompanham o conteúdo feito pelo dono (a) da página – em redes sociais digitais – do Instagram e Twitter.

<sup>5</sup> É um recurso do Instagram para gravar e, depois, exibir nesta própria rede social, tais vídeos breves.

<sup>6</sup> São *tags*, ou seja, marcações que os usuários podem pôr em seus posts. Elas classificam a categoria dessas fotos/imagens/vídeos. Mas nem todos as utilizam desta forma classificatória.

<sup>7</sup> [www.instagram.com](http://www.instagram.com). Dados coletados pelo autor em 15 de janeiro de 2022 e atualizados em 26 de março/2022.

<sup>8</sup> [www.instagram.com](http://www.instagram.com). Dados coletados pelo autor em 15 de janeiro e atualizados em 26 de março.

<sup>9</sup> Palavra em inglês para caracterizar vídeos transmitidos ao vivo.

<sup>10</sup> Destaques são *stories*/botões de ações (cujos ícones são circulares) que detêm fotos ou vídeos, e que estão embaixo da Bios. Recordando que Bios são as características/perfil do dono da conta, escritos em português ou em outra língua, que a pessoa escreve sobre si mesma – e mantém – embaixo da pequena foto – do próprio rosto – circular que fica na parte superior da página, à esquerda. O pequeno texto pode ser mudado e reescrito.

<sup>11</sup> O *feed* do Instagram agrega todas as publicações do perfil e é uma espécie de resumo visual do conteúdo que se produz na página virtual.

Nesta pesquisa procurou-se analisar a estrutura e as narrativas discursivas e dialógicas do perfil de Djamila Ribeiro, isto é, como ela coloca as pautas em circulação em suas publicações no Instagram. Para isto utilizou-se a análise de conteúdo de 95 imagens e fotos – das quais 12 são imagens/vídeos curtos que estão inseridos no carrossel do Instagram, ou que estavam postados sozinhos – e de 31 legendas, postadas do dia 1º/nov./2021 ao dia 29/nov./21.

As legendas têm um número inferior ao número de imagens/fotos e de vídeos em razão do próprio formato do carrossel. Ou seja, um carrossel com várias imagens pode ter apenas uma legenda.

Este trabalho investiga também, de forma breve, como são as interações com o público e quais tipos de comentários chegam à página.

Djamila fez 228 postagens na parte marcados do Instagram, no dia 20/nov./21 – Dia da Consciência Negra. Porém, na parte que é visualizada pelo *feed*, em publicações, no dia 20/nov./21 ela fez somente uma postagem dela com a sua irmã. Observando que este trabalho analisa a parte publicações, visto pelo *feed* principal, que já é visualizado logo quando se abre o Instagram.

Os posts que têm as imagens/fotos e vídeos – do carrossel – do perfil foram divididos em grupos – que estão nos sub-itens –, para a análise, para serem melhor mapeados.

Os textos das legendas são cem por cento relacionados às imagens/fotos e vídeos e foram exemplificados nos sub-itens. Somente em dois posts – cada um em um dia diferente – não há legenda e, há sim, apenas um emoji.

É importante destacar que um único post de Djamila pode estar relacionado a vários temas, isto é, pode estar relacionado, por exemplo, à representatividade e à luta pela diversidade. Desta forma, o post, exemplificando, em que Djamila anuncia, nos *frames* postados no carrossel, um *tour* digital nas universidades da Alemanha e da Áustria, em que ela iria fazer palestras sobre antirracismo, feminismo negro, diversidade e divulgação de livros poderá estar, assim, especificado textualmente somente no sub-item “Djamila e os temas relacionados ao racismo”, porém como os assuntos e temas de um único post se entrecruzam, então, em se tratando dos números, este post abrangerá todos os sub-itens relacionados. Todavia, em relação ao texto estar localizado em determinado sub-item, estará redigido somente em um dos sub-itens, para não ficar repetitiva a sua aparição textual.

Uma outra observação à se sobressair é que em variados momentos ocorrem, no perfil do Instagram de Djamila Ribeiro, as críticas de *haters* e de pessoas que pensam de forma

contrária à da filósofa. Porém, em relação ao recorte amostral desta pesquisa, que é de cerca de um mês, há somente poucas rusgas e divergências de opinião.

### 5.1.1. DJAMILA E A PAUTA DA REPRESENTATIVIDADE

No post – em carrossel: com 3 fotos e um vídeo –, por exemplo, com a referência da localização de Juiz de Fora/MG, em que Djamila visita a grande casa do cantor Milton Nascimento, ela reafirma a presença e o valor do talento do cantor, por meio da representatividade do homem negro. No citado vídeo o músico está sendo filmado de costas tocando um piano de calda. Tem 27,8 mil curtidas e 439 comentários. Na legenda ela diz: “Foi uma das melhores manhãs da vida. Obrigada por me receber em sua casa e por tamanha hospitalidade @miltonbitucanascimento. (...) Prenúncio de bons ventos iniciar o mês assim. Feriado dos sonhos esse. Estava com muitas saudades! Te amo, Bituca. Te amo pra sempre. Ps.: o vídeo desse post é tudo. Quem leu ‘Cartas para minha avó’ vai entender.” Ela aproveita, na legenda, para se referir à um de seus livros. Os comentários dos seguidores elogiam a música, o encontro de Djamila com o cantor, a própria Djamila e os seus livros.

Há em outro post 6 fotos – em carrossel –, em que ela está também em Juiz de Fora/MG, que mostram ela: em pé em frente à gigantesca porta de um auditório; sentada dentro do auditório (com todas as outras cadeiras vermelhas e mezaninos vazios); em pé em uma calçada cheia de árvores; sentada em um sofá de uma sala com muitos quadros; dentro de um elevador com espelho; e sentada na sala da casa do cantor Milton Nascimento (foto postada também no dia anterior). Nas duas últimas fotos ela estava de máscara cirúrgica (anti-covid-19), dando o exemplo dos cuidados em relação à pandemia. Em cada uma das 6 fotos ela está com uma roupa diferente, elegantemente vestida, bem maquiada e mostrando uma particularidade de sua vida privada – questão esta relacionada aos influenciadores digitais –, pois este é “um ponto comum entre muitas personalidades da rede social, o que aproxima o público, que se vê no cotidiano dessas influenciadoras” (CARNEIRO; PINHEIRO, 2021, p. 331). A legenda não diz sobre quais locais específicos ela está. Esta postagem tem 13,8 mil curtidas e 183 comentários. A seguidora @mariadaprata diz: “Que linda, que mulher incrível, representatividade total.” Ou seja, a seguidora faz referência à representatividade da mulher negra brasileira.

As próprias e muitas imagens de Djamila em vários posts, as diversas capas de livros com pessoas negras nas publicações em outras postagens, as fotos de Djamila na internacional

revista *Acne Paper* – importante publicação de moda, cultura e arte da @acnestudios –, a foto do cartaz da exposição da artista Grada Kilomba – que é sua irmã –, são alguns exemplos de representatividade nos posts.

No vídeo postado, em dois dias, a cantora negra norte-americana Whitney Houston é mostrada cantando.

Totalizam 48 postagens de imagens/fotos e vídeos referentes ao tema deste sub-item.

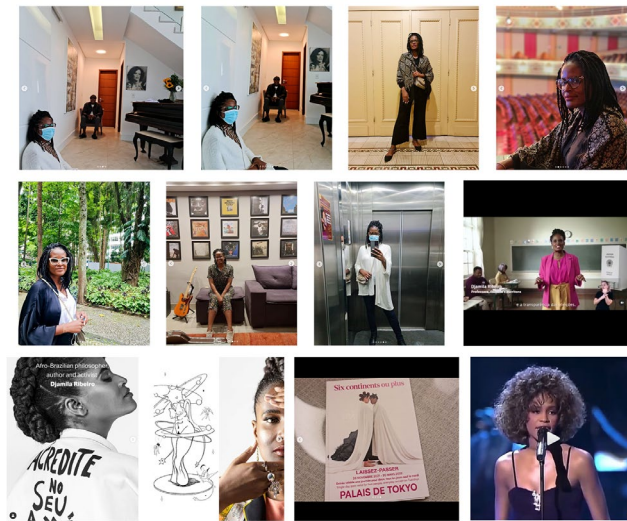


Figura 1: Alguns *frames* de posts de Djamila e a pauta da representatividade. Fonte: Instagram de Djamila.

### 5.1.2. DJAMILA E OS TEMAS RELACIONADOS AO RACISMO

Em um post, que é um anúncio – publicado em 16/novembro – com os dizeres e a programação da Semana da Consciência Negra, fala sobre os temas sobre a produção de conhecimento contrarracista, sobre a importância do antirracismo nas Letras e sobre a consciência negra e o LGBTQIA+.

Em um outro post a imagem publicada e a legenda fazem referência a personalidades negras invisibilizadas na História do Brasil: como a de Berenice Kikuchi, mulher negra da saúde pública brasileira, formuladora de políticas públicas de diagnóstico e cuidados da anemia falciforme; como também sobre o homem negro Gregório Luís, “líder da Revolta de Santana em Ilhéus. À frente de 300 escravizados, o levante assassinou o mestre do açúcar e resistiu ao senhor de engenho e à capitania por dois anos até a assinatura de um tratado de paz

com reivindicações diversas<sup>12</sup>”; sobre a saga de Marcolino José Dias, capitão dos zuavos baianos, que foi mandado à Guerra do Paraguai e voltou alforriado a Salvador, onde teve vigorosa vida política, em favor da população negra escravizada; sobre o educador Hemetério José dos Santos, “falecido em 1939, mas que desenvolveu um ‘antirracismo político pedagógico’”<sup>13</sup>; sobre King Nino Brown, com a história da cultura hip-hop em São Paulo a partir de Daniel Péricles Arruda. “Nino é considerado como um dos ‘pais do hip-hop’ no Brasil – uma cultura de resistência”<sup>14</sup>. Os instagrammers apoiaram Djamila nos comentários deste post, sendo que um deles (@leidebacosta) dizia: “Parabéns Djamila! Por dar toda esta visibilidade a todos estes personagens maravilhosos do Brasil”<sup>15</sup>. Este post teve 3.312 curtidas e 29 comentários. Todos os comentários e emojis são favoráveis.

Há um post em que Djamila publica *frames* com textos e fotos de seu rosto, no carrossel, anunciando o início de um *tour* digital por universidades na Alemanha e em Viena (na Áustria), no qual iria falar sobre os mitos do racismo, sobre o feminismo negro e o antirracismo na escrita, sobre lugares de fala e sobre os seus livros. Além dos *frames* fala sobre o dia, horário da palestra, em qual universidade seria, quem participaria da mesa e sobre as inscrições, existem observações da filósofa na legenda do Instagram, na qual se visualiza:

Meu primeiro encontro será na Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, em uma aula sobre lugar de fala, tema do meu primeiro livro que será traduzido para o alemão em breve. Na próxima semana, estarei na Universidade Goethe de Frankfurt em uma mesa sobre hierarquia de vidas com a professora Vanessa Thompson. Será minha segunda vez na universidade. (...) O último encontro será na Universidade Livre de Berlim para uma aula sobre mitos do racismo à brasileira, a partir de uma visão feminista negra<sup>16</sup>.

Houve 2.747 curtidas e 90 comentários, dos quais tinham muitos emojis positivos e palavras de motivação ao trabalho de Djamila. Alguns perguntavam sobre a inscrição. Um deles, de @vini\_morais10, dizia: “Não te conhecia, vim após o podcast com o Mano. Obrigado, apenas obrigado por tudo que você já fez, faz e ainda vai fazer por nós. Virei fã”<sup>17</sup>.

Totalizam 27 postagens de imagens/fotos e vídeos referentes ao tema deste sub-item.

<sup>12</sup> [www.instagram.com/p/CWLTtkTrpPP/](http://www.instagram.com/p/CWLTtkTrpPP/) (Acessado em 31/3/22.)

<sup>13</sup> [www.instagram.com/p/CWLTtkTrpPP/](http://www.instagram.com/p/CWLTtkTrpPP/) (Acessado em 31/3/22.)

<sup>14</sup> Idem

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> [www.instagram.com/p/CWspqh-rECd/](http://www.instagram.com/p/CWspqh-rECd/) (Acessado em 31/3/22)

<sup>17</sup> Idem



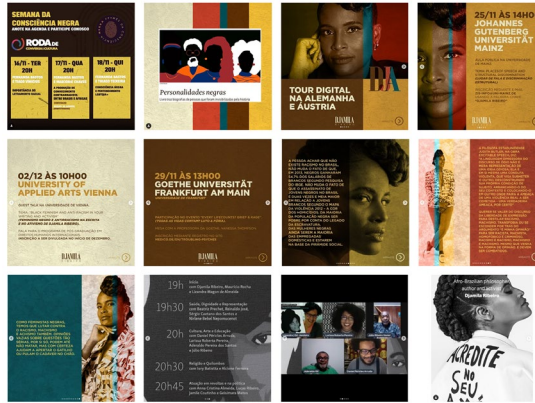


Figura 2: Alguns *frames* de posts de Djamila e os temas do racismo. Fonte: Instagram de Djamila.

### 5.1.3. DJAMILA E OS ESTEREÓTIPOS RACIAIS E A LUTA PELA DIVERSIDADE

Em um post Djamila se refere aos estereótipos raciais, pelos quais as mulheres negras passam quando são relacionadas somente às profissões como o de empregada doméstica. Ela faz alusão à se pensar nas relações de desigualdades no Brasil. Tem 18,3 mil curtidas e 101 comentários. Todos os comentários e emojis são à favor.

O tema diversidade cultural está totalmente referido no post em que ela passeia pela Av. Paulista, em São Paulo, e encontra com o artista de rua Robson e gui (@tiozao1978) que faz, afirma Djamila, “figuras muito importantes como Conceição Evaristo, Lélia González, Carolina de Jesus, entre outras. (...) Ele me presenteou com o quadro que fez em minha homenagem”<sup>18</sup>. Se refere à diversidade, mostrando muitos retratos/pinturas de pessoas negras (e de algumas pessoas brancas) famosas, em uma situação que é contrária na História da Arte, em que somente pessoas brancas estão em destaque favorável.

Totalizam 41 postagens de imagens/fotos e vídeos referentes ao tema deste sub-item.

<sup>18</sup> [www.instagram.com/p/CW1Zae-Pkvx/](http://www.instagram.com/p/CW1Zae-Pkvx/) (Acessado em 25/3/22)

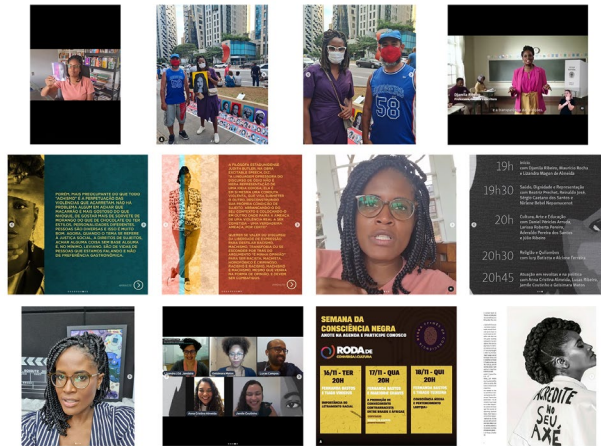


Figura 3: Alguns *frames* de posts de Djamila, os estereótipos raciais e a luta pela diversidade.

Fonte: Instagram de Djamila.

#### 5.1.4. DJAMILA E AS PAUTAS DO FEMINISMO E/OU A VALORIZAÇÃO DAS MULHERES

Um dos posts de Djamila é um fundo negro com as palavras: “Desrespeito às mulheres até na hora da morte”, em que ela se refere à morte da cantora Marília Mendonça e diz que um texto machista e comentários elitistas, em um jornal impresso, a deixaram abismada:

Li perplexa uma "análise" na Folha de São Paulo sobre a cantora Marília Mendonça. Entre alguns absurdos, comentários sobre o seu corpo e o fato do autor não a considerar uma boa cantora. Imediatamente pensei: qual a necessidade dessas afirmações senão para marcar um lugar de uma suposta superioridade? O autor do texto realmente acredita (...) que mulheres devem ser avaliadas pela sua forma física. Homens cantores (...) não recebem o mesmo tipo de comentário. É sempre esse desrespeito com mulheres, falam do corpo, do relacionamento, em vez de falarem sobre o trabalho e as conquistas delas, como se tivéssemos sempre que nos justificar. Ocorre que a cantora morreu de um jeito trágico e nem assim é poupada. (...) DE MULHER PRA HOMEM: SUPERA!

Outra coisa que me chamou a atenção foi o elitismo de certas pessoas e o senso de auto importância: "eu não conhecia, mas..." (...) Gente, e daí? Que necessidade é essa de se colocar como superior, de sempre ter um "mas" mesmo na hora de desejar condolências ou elogiar. (...) No mais, meus pêsames e minha solidariedade à família<sup>19</sup>.

Uma internauta (@brena\_vilanova) diz que concorda sobre a questão machista. Mas diz que a respeito das falas sobre elitismo não concorda com Djamila. Sendo até mesmo indelicada com a escritora, em suas palavras:

<sup>19</sup> [www.instagram.com/p/CV87FzdrW51/](https://www.instagram.com/p/CV87FzdrW51/) (Acessado em 25/3/22)

Sobre a análise, eu concordo plenamente com você. Afirmações machistas, sem dúvida. Agora, no trecho que você fala sobre elitismo "auto importância", eu discordo totalmente. Nada a ver. As pessoas que não conheciam Marília não conheciam e apenas emitiram um comentário sem arrogância alguma. Ponto. As pessoas que não ouviam Marília, não ouviam. Ponto. E ninguém precisa de elogio ou crítica na hora da morte não. As (pessoas) precisam de respeito. Só isso. E não só Marília, mas todas as vidas. Não é porque as pessoas não expressam a opinião da maneira que você acha certo, que as pessoas estão erradas. Talvez, a "auto importância" seja uma questão puramente sua. (...) Ponto<sup>20</sup>.

Djamila responde à interlocutora que “as pessoas são narcisistas demais que até para lamentar uma morte precisam falar sobre elas mesmas. Patético”. E @brena\_vilanova rebate: “não acho que seja este o caso<sup>21</sup>”. A conversa se encerra. Tem 239 mil curtidas e 7.203 comentários.

Em outro post tem a imagem de um anúncio sobre um vídeo, produzido pela Rede Brasileira de Mulheres Filósofas em parceria com o *Extending New Narratives*, em que convida as pessoas a verem-no pela Bios do perfil.

Totalizam 33 postagens de imagens/fotos e vídeos referentes ao tema deste sub-item.



Figura 4: Alguns frames de posts de Djamila e a pauta do feminismo e/ou a valorização das mulheres.

Fonte: Instagram de Djamila.

### 5.1.5. DJAMILA E DIVULGAÇÃO DE LIVROS E ARTIGOS DELA E DE OUTRAS (OS) ESCRITORAS (ES)

<sup>20</sup> Idem

<sup>21</sup> Idem

São posts – mostrados em fotos e vídeos – sobre livros e artigos: contra o racismo, sobre pessoas negras invisibilizadas no Brasil, sobre feminismo negro, sobre LGBTI+, sobre intolerância religiosa, sobre cartas para a sua avó, com trechos dos livros, por vezes – em português ou em outra língua; há posts de divulgação dos livros da coleção Feminismos Plurais também, que ela coordena; posts sobre *lives* de propagação dos livros; sobre textos de sua coluna na revista Carta Capital;

Em um vídeo, por exemplo, ela filma e fala sobre um de seus livros, que foi traduzido para o francês, e que está à venda na estante de uma livraria francesa; em outros vídeos ela convida as pessoas para o lançamento; ou mostra uma caixa de livros impressos, de sua coleção, que acaba de chegar da gráfica – neste último citado há 18,3 mil visualizações e 101 comentários.

Em outro post fala sobre o livro "Trabalho Doméstico", de Juliana Teixeira, sobre desigualdades no Brasil, mormente para as mulheres negras.

É um post com a capa e contracapa do livro “Black Power – A política de libertação nos Estados Unidos”, de Kwame Ture (anteriormente Stokely Carmichael) e Charles V. Hamilton: “é um livro importantíssimo para o movimento negro!”<sup>22</sup>, diz Djamilia na legenda.

Totalizam 42 postagens de imagens/fotos e vídeos referentes ao tema deste sub-item.

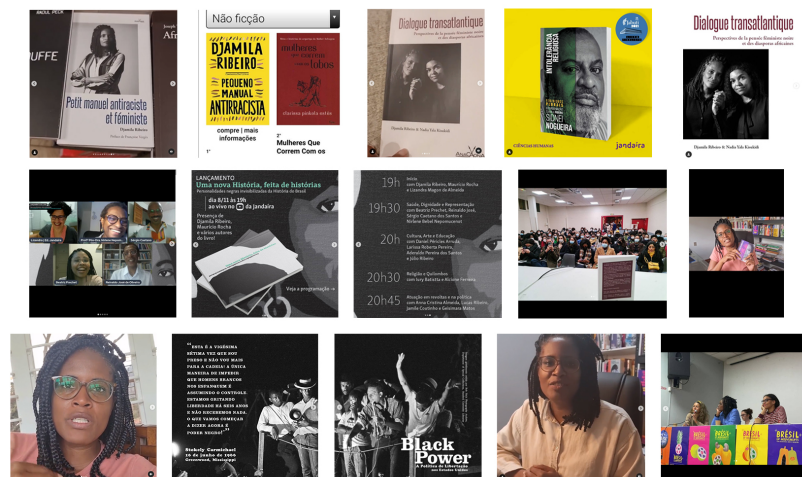


Figura 5: Alguns *frames* de posts de Djamilia e a divulgação de livros e artigos dela e de outras (os) escritoras (es). Fonte: Instagram de Djamilia.

### 5.1.6. DJAMILA E ASSUNTOS POLÍTICOS

<sup>22</sup> [www.instagram.com/p/CW3Q5jVroKo/](https://www.instagram.com/p/CW3Q5jVroKo/) (Acessado em 31/3/22)

Em um post Djamila publica o vídeo em que ela fala da campanha do TSE – Tribunal Superior Eleitoral –, veiculado na TV e rádios do Brasil, sobre a segurança e transparência da urna eletrônica. Tem 23,6 mil visualizações, 4.225 curtidas e 68 comentários. Dos 68 comentários: 33 apoiam ela e a campanha somente por meio de emojis<sup>23</sup>, 20 apoiam ela e a campanha do TSE com mensagens escritas, elogios e emojis, 11 apoiam somente com palavras, 1 elogia ela e diz que não consegue prestar atenção nas coisas sérias que ela fala, 1 é contra o uso de urna eletrônica, 1 faz perguntas técnicas para ela sobre a urna eletrônica – para as quais não houve resposta –, e 1 é desconexo do assunto da urna eletrônica, pois a elogia e agradece a ela “por ensinar tão bem sobre racismo” nos livros dela. Um comentário, o de @fatima.ffreire, por exemplo, diz: “Viva a democracia brasileira”. Já @ludtkemarcelo diz: “Não entendo, países de primeiro mundo com tecnologia muito superior à nossa não usam urna eletrônica, mas o Brasil que é enrolado para tudo, tem a conferência de votos mais rápida do mundo (...)”. Ele acrescenta um emoji do rosto de um palhaço.

Outro post é sobre o programa social brasileiro Bolsa Família. Djamila se mostra indignada pelo fato de o presidente Bolsonaro acabar com este benefício. Há muitas pessoas que a apóiam, algumas poucas ficam contra o que ela diz e há quem diga que o programa social apenas trocou de nome, e que continuará ajudando àqueles que necessitam.

Como se sabe os assuntos políticos são amplos, quando se pensa que tudo o que se faz é genericamente um ato político. Assim, os posts relacionados às desigualdades históricas e atuais no Brasil – como o fato escrito no post, que é uma imagem/texto/foto: “em 2013, negros ganharam 54,7% dos salários de brancos segundo pesquisa do IBGE<sup>24</sup>” –, reafirmam-se também como temas políticos.

Totalizam 11 postagens de imagens/fotos e vídeos referentes ao tema deste sub-item.

---

<sup>23</sup> Símbolos/ícones que podem representar: ideia, emoção, palavra ou frase. Ex.: desenho de palmas batendo, coração etc.

<sup>24</sup> [www.instagram.com/p/CV3Lix9rVxT/](http://www.instagram.com/p/CV3Lix9rVxT/) (Acessado em 31/3/22)

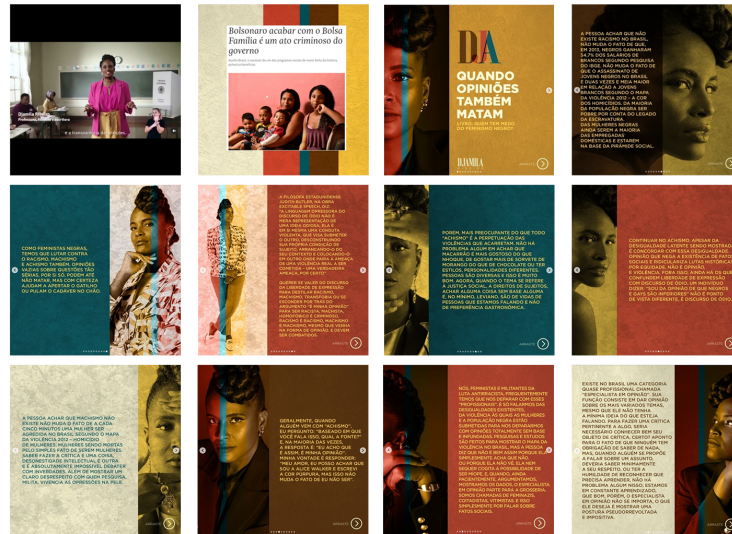


Figura 6: Alguns *frames* de posts de Djamila e assuntos políticos. Fonte: Instagram de Djamila.

### 5.1.7. MARCOS PESSOAIS DE DJAMILA

Algumas fotos e vídeos de posts de Djamila são: em viagem à lazer e passeios: em um café em Paris/França; em uma feira de rua em Paris; em uma janela de um restaurante, tendo a Torre Eiffel ao fundo; em outra mesa de café da manhã; em um close dela e de sua irmã; em que mostra a placa luminosa em neon do nome de um café em Paris; dela e de uma amiga que posam para a foto em uma ponte, tendo um rio e construções ao fundo; ela e três amigos que posam e sorriem, sentados diante da mesa que contém pratos com alimentos e taças de vinho em um restaurante; a foto de um cartão de visitas do parisiense *Hôtel Fougère*, em que ela se hospedou, e que dá as boas vindas à ela. O cartão inicia com as palavras: “Querida Djamila Ribeiro”, em inglês somente.

Em outro vídeo ela filma uma luxuosa escada rolante vermelha com um toldo transparente, mas ninguém está na cena.

Djamila visita o túmulo do casal de escritores Sartre e Beauvoir, no cemitério Montparnasse, em sua viagem à França – está mostrado em fotos e vídeo. Há o post de fotos dela e de sua irmã em um café; post de foto de uma rodovia com carros ao lado de um parque e prédios ao fundo; post dela olhando para um cartaz de cinema.

Em um post há fotos de Djamila com o musicista e divulgador da cultura afro Mano Brown e, também, uma em que estão ela e a colunista Eliane Dias. Esta publicação se refere ao convite que Djamila recebeu para participar de um podcast, para falar sobre a sua trajetória de vida pessoal e de outros assuntos. A legenda diz: “Foi ao ar hoje (25/nov./2022) minha

participação no Mano a Mano, o podcast apresentado por @manobrown, um original do @spotifybrasil. Fiquei muito feliz (...). Agradeço”<sup>25</sup> (...). Teve 33,1 mil curtidas e 598 comentários. Os comentários denotaram afirmações positivas. Um deles (@desconstruindo\_amelia\_trechos) dizia: “Foi maravilhoso! Aprendo muito com o @manobrown e a participação da @djamilaribeiro1 foi uma das melhores!!! Parabéns e muito obrigada por nos ensinar tanto!”<sup>26</sup>

Em um outro post ela está posando – para tirar algumas fotos – na sacada de um prédio, com um requintado robe e maquiada, demonstrando o seu dia a dia. Este é um dos recursos dos influenciadores.

Schawbel se baseia na ideia de “marca pessoal”, uma expressão cunhada em 1997 que revela “como vendemos nossa imagem aos demais”. (...) ...graças ao auge das redes sociais da internet, que já permitiriam que “qualquer pessoa se torne uma marca”, (...) só era possível para algumas celebridades. (...) dispositivos como as redes sociais Facebook, Twitter, Instagram e Youtube, assim como a proliferação de câmeras e telas sempre disponíveis para se ver e se mostrar, estão a serviço dessas novas ambições. Servem para tornar visível (...) e, nesse gesto, performar e projetar um eu atraente – para um público potencialmente infinito (SCHAWBEL, 2011, p. 288 apud SIBILIA, 2015, p. 357).

Totalizam 40 postagens de imagens/fotos e vídeos referentes ao tema deste sub-item.

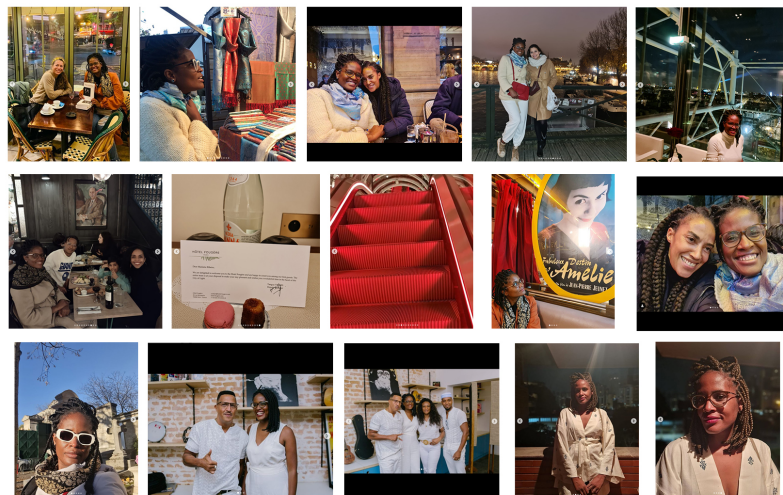


Figura 7: Alguns *frames* de posts de marcos pessoais de Djamila. Fonte: Instagram de Djamila.

<sup>25</sup> [www.instagram.com/p/CWtikdNPEjP/](http://www.instagram.com/p/CWtikdNPEjP/) (Acessado em 1º/4/22.)

<sup>26</sup> Idem

Para se ilustrar os números das postagens, ou seja, da quantidade de imagens/fotos e vídeos relacionados às principais temáticas da página de Djamila Ribeiro, o seguinte gráfico faz essa exemplificação.

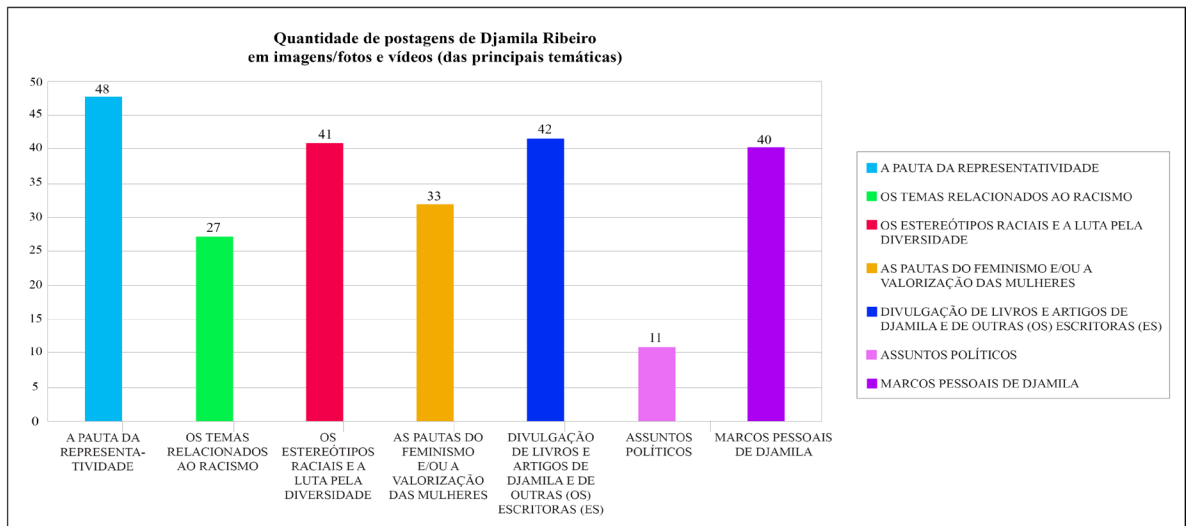


Figura 8: Gráfico da quantidade de postagens de Djamila em imagens/fotos e vídeos e suas temáticas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo pôde compreender e apreender, por meio de uma análise de conteúdo, como são as narrativas e o conteúdo utilizados, ou seja, como são as postagens e as pautas colocadas em circulação pela filósofa, escritora, ativista do movimento negro Djamila Ribeiro, em sua página no Instagram. Constatou-se que Djamila utiliza os mecanismos e as ferramentas que os próprios influenciadores digitais abrangem e cingem nas redes sociais. Porquanto mesmo que Djamila Ribeiro normalmente não se apresente como tal, isto é, como uma influenciadora, o formato narrativo e dialógico de se estar nas redes já a caracteriza desta forma, sendo isto consensual.

Assim, Djamila Ribeiro, por meio de seus posts no Instagram, reafirma o seu papel de pensadora e ativista negra e dos direitos humanos, com sua presença digital, mostrando sua relevância social. Além de mostrar que a mulher pode falar no lugar que ela achar relevante e sobre todos os temas que ela achar interessante e viável, isto é, que ela não tem necessariamente a necessidade de falar somente sobre um assunto.

Como se havia sido citado neste artigo, Carneiro e Pinheiro (2021) ressaltaram que ativistas como Djamila apreenderam claramente que as redes sociais, como o Instagram, são



instrumentos que podem apoiar as manifestações para contestar a respeito da violência experimentada pelas pessoas negras e transmitir conhecimentos precisos, pontificar e instruir sobre o antirracismo.

Destacando-se sobre as hipóteses de que se pressupunham que Djamila postava, em suas temáticas no Instagram, pautas que aludiam aos problemas do racismo, às representações, aos estereótipos raciais e à luta pela diversidade, como sendo as principais temáticas mobilizadas – tanto em imagens quanto em textos nas legendas – foram confirmadas por meio da análise de conteúdo empreendida, dentro do recorte desta pesquisa qualitativa.

Sobre as interações com o público, ela faz frequentemente, todavia de forma moderada, pois ela recebe centenas de milhares de curtidas e mensagens.

É notório que a luta antirracista deve ser de todos, nas redes sociais e em toda a parte. Ribeiro (2019b), sobre as questões da luta contra o racismo, diz: “essa responsabilidade é também das pessoas brancas – e deve ser contínua” (RIBEIRO, 2019b, p. 40). Por isto que aderimos à escolha desta pauta e luta. Sendo, desta forma, naturalmente humana e necessária esta batalha.

## REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Silvio L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70/Grupo Almedina, 2011.
- BENTO, Maria A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria A. S. (orgs.). **Psicologia social do racismo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. P. 25-57.
- BORGES, Juliana. **Djamila Ribeiro já entrou para a História literária**. *In*: PORTAL Geledés. [S.I.] 2018. Disponível em: <<http://www.geledés.org.br/djamila-ribeiro-ja-entrou-para-historia-literaria>>. Acesso em: 12 de set. 2021.
- CARNEIRO, Luciana P. S.; PINHEIRO, Vanessa R. **Ciberativismo negro feminino no Instagram: as atividades da rede social em prol da prática antirracista durante a pandemia de covid-19**. *In*: Palimpsesto, Rio de Janeiro, v. 20, n. 36, p. 319-341, mai.-ago. 2021.
- CAZARRÉ, Marieta. **Movimentos sociais encontram na internet o caminho para mobilizar militantes**. *In*: AGÊNCIA Brasil. Brasília: Agência Brasil, 2016.
- FERREIRA, Ricardo A. **Representações, representatividades e dismorfias: mediação das identidades**. *In*: Extraprensa, v. 14, n.1, p. 341-352. São Paulo: jul./dez. 2020.
- FLEURY, Maria T. L. **Regenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras**. *In*: RAE – Revista de Administração de Empresas, v. 40, n.1, p. 18-25. São Paulo: EAESP/FGV, jul./set. 2000.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.
- FUKS, Rebeca. **Biografia de Djamila Ribeiro**. *In*: EBIOGRAFIA. [S.I.] 2021. Disponível em: <[http://www.ebiografia.com/djamila\\_ribeiro/](http://www.ebiografia.com/djamila_ribeiro/)>. Acesso em: 12 de set. 2021.
- GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. P. 106-113.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. *In*: ITUASSU, Arthur (Org.). MIRANDA, Daniel; OLIVEIRA, William (Trad.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Apicuri, 2016.
- KARHAWI, Issaaf. **De Blogueira a influenciadora: etapas de profissionalização de moda brasileira**. Porto Alegre: Sulina: 2020.
- KARHAWI, Issaaf. **Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão**. *In*: Revista Comunicare, São Paulo, v. 17, p. 45-61, maio 2017.
- NETTO, José de P. **Jesus e a cidadania do espírito**. São Paulo: Elevação, 2019.

ODARA, Norma. **Djamila Ribeiro é nomeada secretária-adjunta de Direitos Humanos de São Paulo.** *In:* BRASIL de Fato. São Paulo: Brasil de Fato, 2016. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/2016/05/18/djamila-ribeiro-e-nomeada-secretaria-adjunta-de-direitos-humanos-de-sao-paulo>>. Acesso em: 12 de set. 2021.

OLIVEIRA, Ana F. **Djamila Ribeiro, a voz da consciência negra feminina no Brasil.** *In:* VICE Brasil, 2016. Disponível em: <<http://www.vice.com/pt/article/bmgkvd/entrevista-djamila-ribeiro-2016>>. Acesso em: 29 de jan. 2022.

OLIVEIRA, Dennis de. **Metodologia de pesquisa de bens simbólicos.** OLIVEIRA, D. (Org.). São Paulo: Celacc-ECA-USP, março, 2016.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Editora Dandara, 2021.

ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade.** *In:* Diversidade e mercado. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

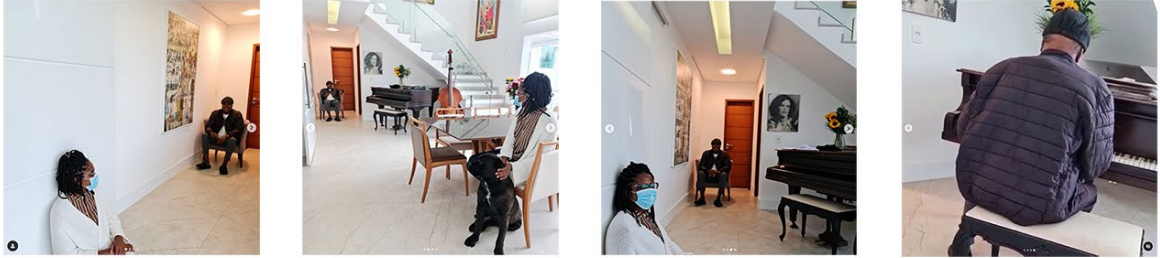
RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019a.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia da Letras, 2019b.

RECUERO, Raquel. **Influenciadores e campo social.** *In:* Revista Comunicare, BRAMBILLA, Ana; GLETTE, Gabriela (orgs.) São Paulo, v. 17, p. 37-42, maio 2017.

SIBILIA, Paula. **Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível.** *In:* Revista Fronteiras – estudos midiáticos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 353-364, set.-dez. 2015.

# ANEXO – FRAMES DO INSTAGRAM DE DJAMILA RIBEIRO



Frame do vídeo

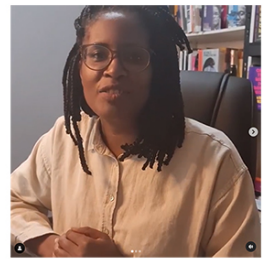
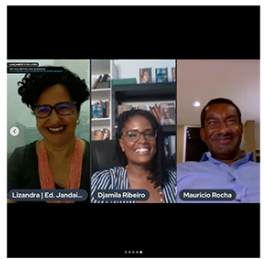
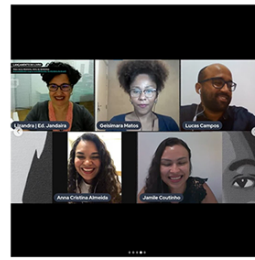
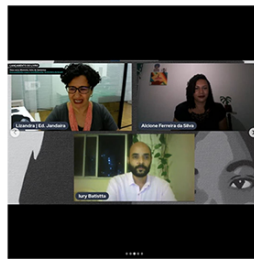
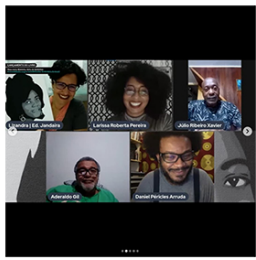
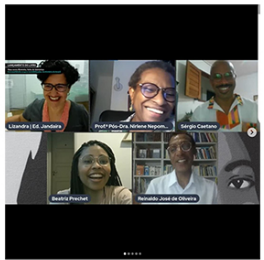


Frame do vídeo

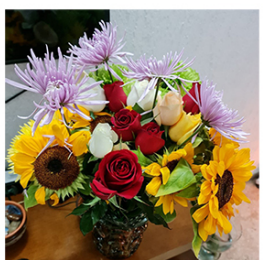
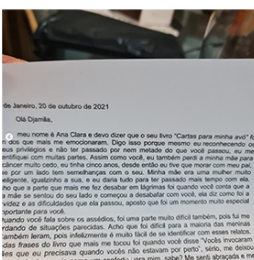
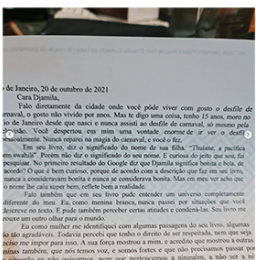


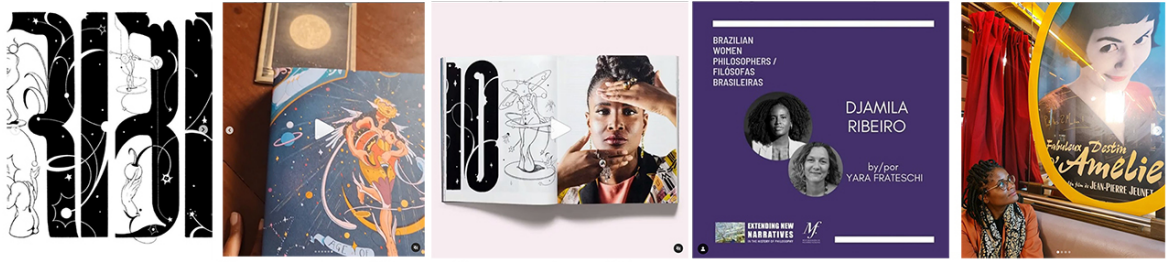


Frame do vídeo

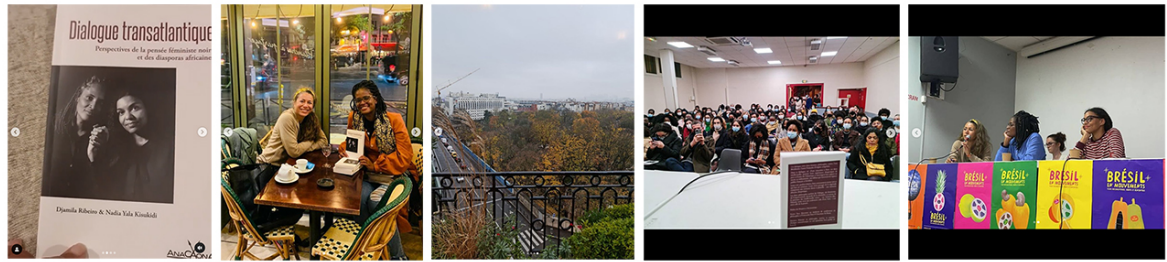


Frame do vídeo Frame do vídeo

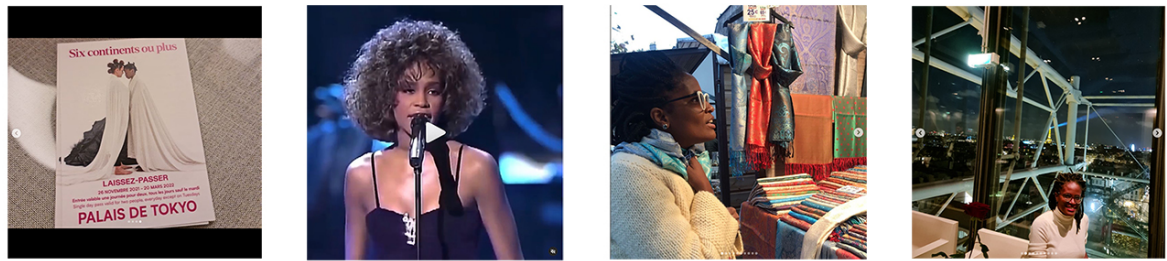




Frame do vídeo Frame do vídeo



Frame do vídeo



Frame do vídeo



Frame do vídeo



Frame do vídeo



Frame do vídeo

